

A escuta por vir¹*Marcelo José Derzi Moraes²***Resumo:**

Esse texto levanta algumas questões acerca da escuta. Na tentativa de se pensar a escuta a partir da filosofia, esse texto pretende fazer um deslocamento da ideia de escuta ao seu por vir. Para que isso seja possível, vamos abordar essa discussão a partir dos rastros daquilo que Rafael Haddock-Lobo chama de desconstrução da colonialidade. Assim, considerando um momento em que pouco se escuta e muito se fala, esse texto traz a importância da escuta para além de uma questão moral, mas ética, considerando, sobretudo, vozes que não são escutadas.

Palavras-chave: escuta, por vir, desconstrução, colonialidade.

The Listening for coming**Abstract:**

This text raises some questions about listening. In an attempt to think about listening from the point of view of philosophy, this text intends to displace the idea of listening for coming. For this to be possible, we will approach this discussion from the traces of what Rafael Haddock-Lobo calls the deconstruction of coloniality. Thus, considering a time when little is heard and much is said, this text brings the importance of listening beyond a moral issue, but an ethical one. considering, above all, voices that are not heard.

Keywords: listening, for coming, deconstruction, coloniality.

Un esprit efficace est sourd à ce qu'il sait.

Papyrus Ramésséum II, vers 1800 avant J.-C.

¹ Esse texto é dedicado ao babalorixá Adailton de Ogum por nos ensinar a importância do escutar.

² Doutor em Filosofia pela UERJ. Professor Adjunto do departamento de Educação da FFP/UERJ e do Programa de Pós-graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva-PPGBIOS. Coordenador do Grupo de Pesquisa do CNPQ GENTE da UERJ. Contato: <marcelojdmoraes@hotmail.com>

Existe uma linha traçada na história da filosofia, ou do pensamento ocidental, em que o que está em jogo, o que está no centro e ocupa um lugar privilegiado é a voz, o *logos*. Esse domínio da voz, do *logos*, Derrida denominou de logocentrismo. Esse cenário, talvez, esteja longe de se assumir enquanto um labirinto de inscrições. Assim, se a história do Ocidente é a história do *logos*, do espírito, da razão, é também, a história da voz. Dicotomizando-se com a escrita, com o fenômeno, com a representação, com o corpo, com a coisa e com a escuta, a voz sempre ocupou um lugar privilegiado, enquanto esses outros elementos ocupariam um lugar secundário e rebaixado na hierarquia do edifício metafísico. Porém, encontramos em Nietzsche, Heidegger, Derrida e Nancy, movimentos que procuram deslocar certas hierarquias. Diante dessas heranças e de outras heranças africanas e indígenas, vamos tentar pensar uma escuta por vir. Mas não uma escuta projetada para o futuro a partir daqui, de agora, desse momento ou desse lugar, uma escuta enquanto projeto ou lição. Pensamos uma escuta que já se vem fazendo escutada, espectralizada, que ressoa em nossas escutas antes mesmo de pararmos para escutar. Falamos de uma escuta que sempre esteve presente de muitas maneiras. E é, por esta razão, que também não entraremos nas especificidades de tentar diferenciar escuta de entender, ou de escuta por ouvir, tal como nas disputas desesperadoras de traduzir para o português termos como *écotuaire* ou *entendre* do francês. Entendemos a escuta em todas as dimensões possíveis e impossíveis, seja na ordem do ouvir, na ordem do entender, na ordem do escutar e na ordem do por vir. *Tá na escuta?*

A questão da escuta já nos persegue há muitos anos. Inclusive, vamos escrever na primeira pessoa do plural, porque muitas vozes constituem esse texto. Nesse sentido, não existe minha fala, não é minha sozinha, é minha com muitos outros, muitas vozes espectram essa escrita. Lembrando que não se trata de um Nós da totalidade, do *demos*, que possui a pretensão de apreender um todo, mas um nós no sentido do nóix. nóix com n-o-i-x, no minúsculo. Primeiro, porque não sabemos quem ou quantos são, mas que é sempre mais que um, e porque existe algo para além da presença física do eu e do outro. Algo que é marcado pela presença espectral dos nossos ancestrais e daqueles que já se foram, mas que vivem entre nós. Em segundo lugar, para tentar abandonar um certo narcisismo do Eu, heranças cartesianas difíceis de se livrar ainda hoje, num tempo em que a cartada cartesiana nunca foi tão usada. Essas são heranças cartesianas, coloniais e que hoje passam como argumento de autoridade e legitimidade. Em terceiro lugar, com i e x, esse nóix demarca um sotaque, um registro local, um lugar, o pretuguês de Lélia

Gonzalez, que desobedecendo à instituída norma culta, escrito ou falado, revela sua potência operando à margem da obediência à linguagem fonética dominante; que exige, sobretudo, o acolhimento da escuta para receber sua diferença. Diante disso, o nóix solicita a escuta e a leitura, tal como o quase-conceito *différance* de Jacques Derrida.

Différance é um operador da desconstrução que nos ajuda a pensar o nóix. Para pensar uma diferença pela diferença, Derrida propõe esse neologismo em francês que não é de fácil tradução para o português. A palavra *différence* se escreve com um E, porém, quando Derrida troca o E pelo A, a pronúncia continua sendo a mesma, sendo possível a identificação apenas pela escrita. *Différance*, então, se torna uma escritura, na qual a sua apreensão pode ser da ordem da impossibilidade pela voz, porque ela não daria nenhum sinal, nem pelo sotaque, nem pelo desvio linguístico, podendo apenas ser localizada ou identificada quando fosse escrita. Porém, quando se já está familiarizado, numa cena de família, com o pensamento de Derrida, pode ser possível captar esse movimento na fala, mas não há nenhuma garantia, até porque, seja na escuta enquanto ouvir, ou na escuta enquanto entendimento, nada garante capturar esse movimento desconstrutor, tanto da fala quanto da escuta. Na medida em que a escuta não nos permite conhecer totalmente, conhecer a coisa mesma, em toda a sua plenitude, já que conhecer é da ordem do impossível, podemos sempre nos arriscar a pensar as cenas de família, ou seja, o contexto mesmo que está em jogo. Assim, em que medida podemos confiar no que escutamos? Apenas com a materialidade da *différance* no texto é que podemos entender o que está no jogo do espaçamento e da temporalidade do que foi dito se mostrando no seu devir-corpo da fala. A ideia do nóix passa por esse movimento quando a escuta não está afinada com os sotaques, com as diferenças, ou *différance* na fala. A escuta, então, é fundamental para a criação de realidades e compreensão de realidades. Não há uma possível escuta segura se não considerarmos o contexto, o lugar, o local, o regional, o particular, o singular. O que também não quer dizer que essa segurança garanta conhecer a coisa mesma, visto que se o singular é apreendido, deixa de ser singular. Sobre a coisa mesma, dirá Derrida, essa *sempre nos escapa*. Por outro lado, Derrida lembra que é mister saber ouvir, escutar aquilo que ressoa. Derrida, então, acredita que é preciso fechar os olhos para escutar melhor.

A escuta já vem nos espectrando há muitos anos, dentro e fora de sala de aula. Mas é curioso como esse texto vem no momento em que, devido à pandemia, começamos

a ter aulas online³. Então, aproveitando da tecnologia, da técnica, podemos escutar estudantes e convidados de outros lugares, a partir dos seus lugares, casas e trabalhos, bairros e cidades, estados e países diferentes. Além disso, eles também puderam nos escutar. Nossa voz ecoou em outros ouvidos, em outros lugares, em que, sem a internet, não seria possível. No entanto, é importante lembrar o quanto as aulas *online* estão também dentro de um discurso político e econômico de sucateamento e de destruição da educação pública presencial. Mais que isso, não podemos esquecer de quantos estudantes não puderam falar e escutar devido à violência econômica mantida e projetada nesse país, que não permite que muitos tenham condições de assistirem às aulas, por não possuírem internet, computador e muitas outras situações que possibilitariam uma condição mínima para assistir à aula. Nesse sentido, o ensino a distância, *online*, é de um caráter espectral, porque, ao mesmo tempo que cria novas possibilidades, ele mantém as desigualdades e as exclusões, não permitindo criações possíveis. Além, é claro, de que, muitas vezes com a câmera desligada, só escutamos as vozes sem imagens. Talvez, essa tecnologia, usada nesses últimos anos, muito comum já em muitos outros espaços, seja a celebração do espectral, e não sabemos se isso é bom.

Mas, deslocando da sala para as ruas ou para os terreiros, quem vem da rua ou do terreiro aprende desde cedo a escutar os mais velhos e os mais experientes. E todos gostavam de ouvir histórias, todos escutavam atentos para aprender e para passar para os outros. No entanto, parece que, nos últimos anos, isso mudou, isso acabou. Essa relação de escuta já não existe e não importa mais. No mínimo, funciona de outra maneira. Mas não é disso que viemos falar. O que desejamos destacar é que, se por muitas vezes pensamos escrituras e metodologias de cruzo, a escuta aparece agora porque ela não é passiva tal como muitas vezes a gente pensa. Em outras palavras, a escuta é ação, a escuta é transformadora. Diante disso, não seria a escuta um próprio *logos*? É preciso, portanto, desconstruir a ideia de que falar é ativo e escutar é passivo. Jacques Derrida já bateu muito na questão da fala enquanto *logos*, da escrita fonética, da fala mesmo como verbo. Acreditamos que a escuta é também escritura, é criadora de mundo. Principalmente no

³ No ano de 2021, o autor juntamente com o professor doutor Rafael Haddock-Lobo, ministrou a disciplina Saberes periféricos: a filosofia como escuta, no Programa de Pós-Graduação em Bioética. Nessa disciplina convidamos pessoas de fora da academia para contar suas histórias, seus saberes, suas experiências. Entre os convidados, nós tivemos Dona Toinha com seu neto Marcus; seu Toinho de Mel; Ferrara falando da Dona Dalva; tivemos, também, da Venezuela, o Gordo; tivemos o Mestre Aluísio Machado; do Maranhão, do Terreiro de Mina, Gabriela; além de Fabiana Cozza; pai Adailton; Muitas dessas vozes fazem eco nesse texto.

momento em que todos querem falar, todos têm o que falar, todos precisam falar, por muitas razões e motivos, desde uma grande angústia que nos consome até mesmo um falar para se escutar, num processo radical de narcisismo.

Não estamos falando aqui de etnografia, mas de uma escuta que, além de ser método, cria junto, que forma e transforma mundos. Talvez, como o que o Marcos Andrade fez junto com Dona Toinha em *Mística dos Encantados*, ou que o Bruce Albert e o Davi Kopenawa produziram em *A queda do céu*. Nesse último caso, tem uma coisa curiosa que o yanomami disse. Kopenawa disse que não escreveu aquilo, porque, segundo ele, índio não escreve. Bruce Albert estava escrevendo o que ouvia, mas o que ele ouvia afinal? A questão é que, ao escutar e escrever, em que medida a escuta obedece à fala? Trata-se de um deslocamento radical das concepções clássicas de fala e escuta. É o movimento do *Cartão Postal* do Derrida, onde na lógica da inversão da desconstrução, Platão dita para Sócrates escrever; logo, Sócrates, aquele que não escreve.

A escuta, portanto, na sua força espectral, permite cruzos, não nega os cruzos. A escuta permite, assim, novas escrituras. A escuta bagunça tudo. Basta lembrarmos do mito bíblico da Torre de Babel, onde cada um escuta diferente e acaba-se por produzir ali um dos primeiros movimentos da diferença. Ora, o quanto, por exemplo, o sotaque entrega? Mesmo que o outro fale nosso idioma, a língua sempre entrega, sempre tentamos capturar e entender, mas, também, conhecer o outro nos garantindo na nossa escuta. Voltando à criação de novos mundos por meio da escuta, é possível pensar o quanto a questão do lugar da casa, do interior é influenciada e constituída pela escuta do fora. Por exemplo, quando se é vizinho de uma linha férrea ou de um porto ou de uma mata ou de uma autoestrada. É interessante pensar como o fora da nossa casa passa a referenciar o lugar de dentro da casa. A casa passa a ser o próprio tímpano, a casa toda escuta. Esse movimento, no entanto, nos conduz a uma questão que Dirce Solis apresenta acerca dos limites entre o dentro e o fora da casa quando pensa suas bases de sustentação. Assim, pensando a casa a partir da desconstrução, quando se entende que são as paredes que definem os limites do dentro e do fora, a escuta espectral chega para assombrar esses limites.

Em *Oscilação do Real*, Rafael Haddock-Lobo começa com uma longa citação de Nietzsche em que esse se pergunta: *ainda tenho ouvidos? Sou todo ouvidos e nada mais?* E em seguida diz que um ruído o leva à fantasia, que todo grande ruído nos leva a colocar a felicidade na quietude e na distância. Para tratar essa questão da escuta, é preciso

considerar que ela está dentro de uma relação de alteridade, sempre há o outro. Entendendo e reconhecendo o outro, já sabemos que não existe escuta sem alteridade, sem o outro. Porém, é importante lembrar que esse, o outro, não é apenas o humano, a outra pessoa, mas, também, a natureza, os animais, os deuses, as espiritualidades, o seu outro eu, o livro, o mundo, o texto, a vida e tudo aquilo que toca. Lembrando que escutar é ser tocado, por mais que seja por espectros. Segundo Sobonfu Somé, ser tocado pela canção dos espíritos. Mas, para isso, diz ela, é preciso manter os ouvidos abertos.

Vamos apresentar aqui três cenas da escuta. Pois, podemos pensar algumas maneiras de se pensar a escuta. A primeira cena de escuta é a de que muitas vezes, quando caminhamos, podemos escutar o chão, seja ele de terra ou de asfalto, de paralelepípedo ou liso. O chão pode e sempre comunica alguma coisa. No entanto, essa escuta vai além. Ela pode vir do passado em direção ao futuro. O pisar no chão, tocar o chão pode ser um processo de conhecimento. Há aí toda uma teoria do conhecimento do pisar no chão, que nos faz entender o presente a partir de uma voz, de uma fala, de um chão que vem do passado. É um espectro que retorna pelo chão; um espectro que meu pisar, que sentir o solo me faz escutar. Principalmente se aquele chão tem muito o que falar, muito o que contar, pois muitos deles, forjados por sangue, suor, terra e cimento, foram palcos de movimentos e situações muito sinistras e tensas que nos fazem tremer quando pisamos. A segunda cena de escuta que gostaríamos de trazer é sobre aquele que vende uma ideia, que vende um produto, vende alguma coisa, vende sonhos, vende a imagem seja lá do que for. Muitas vezes as pessoas acham que o bom vendedor é aquele que fala muito bem, que é bom de lábia. No entanto, existe um tipo de vendedor que é aquele que só escuta, e que escuta muito bem. Nesse sentido, se a escuta com o pé permite que se conheça um terreno, uma história, despertando a atenção para os perigos; nesse caso, das vendas, a escuta faz o vendedor levar o cliente, garante a venda. Ele vendia porque escutava bem, não porque falava bem. A terceira cena de escuta é de quem vive na rua lidando com os códigos das ruas, seja eles escritos ou falados. Em uma cidade grande, como há muita diversidade e muitos esquemas e caminhos em que temos que aprender a andar, é preciso também aprender a escutar. A primeira coisa que a gente aprende na pista é tentar entender os códigos, escutar ou ler os códigos, o que nem sempre conseguimos. Cada área, cada região, cada lugar, cada local tem suas gírias, suas expressões, seus conceitos e seus movimentos com a língua e com a linguagem. Em muitos casos, a escuta é fundamental para não rodar. Muitas vezes, a língua entrega o jogo, e você é pego na

escuta, pois você localiza rapidamente que o outro não pertence ao seu lugar. A escuta captura, apreende e move. Essas três cenas de escuta são exemplos de uma escuta ativa.

Mas gostaríamos de apresentar uma cena de escuta que não é ativa, um exemplo de uma escuta que é condicionada. Muitas vezes, abandonamos nosso território, nosso lugar, onde apenas a escuta que é produzida por nós nos agrada o ouvido. Muitas vezes, falamos que alguém só enxerga o que quer ver, que só consegue enxergar com a mesma lente. A mesma coisa acontece ao deslocarmos para o campo da escuta, onde muitas vezes só escutamos com a mesma lente. Pois, sempre queremos escutar o outro, do seu lugar, aquilo que nos agrada escutar, um narcisismo da escuta. Assim, há um tipo de escuta, quase sempre passiva e condicionada, que alimenta todo um etnocentrismo, quando não escutamos a cultura do outro sem deixarmos a nossa cultura de lado, o que, talvez, seja impossível. O mesmo também acontece quando só escutamos a voz falada do humano, não escutamos a natureza e seus códigos. A natureza está o tempo todo falando, mas não escutamos. O antropocentrismo radical da escuta narcísica não nos permite escutar quando a natureza dá o seu tempo. Até mesmo, quando nosso corpo fala com a gente. Porque, nesse caso, usamos uma escuta ativa para se colocarmos na frente da voz do outro, seja a cultura do outro ou a lógica própria do corpo.

Todas essas cenas de escuta são para pensar em tudo a que a escuta está ligada, conectada. A escuta da natureza que nos transmite seus informes; a escuta do chão que traz vozes do passado ou do presente; a escuta dos códigos da madrugada para não rodar; a escuta para o convencimento. Enfim, a escuta é fundamental e move o mundo, cria o mundo. É um pensar a escuta enquanto escritura, que desenha uma realidade na gente. Por isso, repensar e equilibrar; por isso, uma escuta incondicional; por isso, luxar a escuta como diz Derrida. Por outro lado, estamos pensando uma escuta também para além, ou deslocada da escuta da psicanálise, de uma certa etnografia ou, mesmo, das escutas confessionais. Mas tem um elemento fundamental na questão sobre a escuta, que é a questão própria do lugar. Curioso o quanto essa questão do lugar marca, por exemplo, o lugar da análise e o lugar da confissão. A gente ouve muito por aí se falar de lugar de fala, mas ninguém está preocupado com o lugar da escuta, questão muito cara à professora Patricia Elaine. O lugar de escuta para os antigos, nas comunidades indígenas e africanas, nos terreiros e em tantos outros lugares, é fundamental, principalmente no que diz respeito a quem estamos ouvindo; nesse caso, os mais velhos, os mais experientes. Em *O Espírito*

da Intimidade, Sobunfu Somé nos dá uma verdadeira lição de como nas comunidades Dagara, escutar os anciões é fundamental para a formação da pessoa.

Em *Ódio à democracia*, Jacques Rancière explica o quanto o neoliberalismo criou uma democracia que inventou que todo mundo pode e tem o direito de falar e precisa falar, falar de tudo, falar ao ponto de ninguém se escutar, falar o que quiser inclusive. Mas não se preocupa em escutar, já que esse falar definiria e legitimaria, então, o que é a democracia e que realmente viveríamos uma democracia. Nunca ficamos tão preocupados em falar. Podemos entender essa crítica de Rancière como um apontamento do que chamamos de caráter espectral da democracia. Está intrínseco na estrutura da democracia esses aspectos de efeitos democráticos. A democracia espectral é essa mesma que apresenta uma realidade na qual a presentificação dos sujeitos se daria pela sua voz na *ágora* ou na praça pública; nos tempos atuais, nas redes sociais da internet. No entanto, sabemos que essas vozes em constantes ressonâncias, efeito dessa democracia espectral, acabam por confundir e criar ruídos ao invés de vozes por justiça, uma vez que, devido ao seu caráter espectral, as vozes por justiça nas democracias atuais, em geral, não são verdadeiramente escutadas. Ora, sabemos da importância da fala no campo político. É preciso e urgente que se escute as vozes marginalizadas, dos oprimidos, dos esfarrapados, dos excluídos, dos injustiçados e dos famintos, mas sem permitir cair na armadilha do neoliberalismo, como afirma Anselm Jappe em transformar as reivindicações de um grupo em reivindicações individuais, ou, ainda, como diz Derrida, de não cair num narcisismo identitário. No entanto, é importante lembrar, lugar de escuta não tem nada a ver com lugar de silêncio, não tem nada a ver com silenciar. É importante destacar que o silêncio quando forçado é uma prática de violência. Por outro lado, acreditamos que o silêncio quando escolha é possibilidade de aprendizado.

Muito se fala de direito à fala, mas pouco se pergunta o que é uma fala, pouco se pergunta o que é o direito. Nessa cena do direito, ou na cena da justiça, uma vez que, quando se invoca o direito à fala, será que se está pensando no alcance da justiça? Será que falar garante a justiça? Ou só garante o direito? O quanto existe o risco do direito alimentar uma lógica individual a qual garante minha fala e reforça toda uma lógica individualista em que, garantido o meu direito de falar, pouco me importa quem não fala, esquecendo, sobretudo, de que alguém precisa escutar. Mas se ninguém me escuta, qual o sentido de repetir constantemente meu direito à fala? Além, é claro, de deixar de lado aqueles que não podem falar por meio da voz. Quando se diz direito à fala, de qual fala

estamos falando? Nesse contexto de direito e justiça, conseguir no direito a vitória garante que não se vai mais precisar ouvir a voz das vítimas? Quando o juiz bate o martelo e faz valer o direito sob força de lei, esse ato performativo permite agora o silêncio seguro dos inocentes? E quando não são mais as vozes que ecoam, que escutamos, mas, por exemplo, 8 tiros de uma Taurus PT 380 ou 81 balas de uma variedade de armas, estrondos que perfuram corpos, perfuram carros e paredes, mas que, também, perfuram ouvidos, ecoando para a eternidade. Mas, ainda nesse caso da escuta, e quando se escuta no tribunal o juiz absolver o acusado, e no corredor, sabendo da falta de inocência do acusado, explica que reconhece uma injustiça, mas que é preciso fazer valer o direito, e que, portanto, é preciso esperar por uma justiça por vir. Mas, como sabemos, nenhum por vir é garantido. Nesse sentido, o que seria a escuta da justiça? Ela chega? Como chega? É possível escutar? Quando escutamos algo que nos alivia um pouco, é esse o escutar da justiça? Porque, se ainda vamos escutar, então, ela realmente está por vir, não é presente, e nada garante a sua presença, tal como a voz não é a garantia da presença, nem a escritura a garantia da presença da voz em sua ausência. Ainda nesse contexto do direito e da justiça, será que o que escutamos é o direito e não a justiça? Quando se faz um pedido ao orixá Xango, sempre se pede por vitória, nunca por Justiça. Porque a gente nunca sabe o que o orixá realmente acha justo. Porque, nesse contexto religioso, a vontade de deus não é a vontade do humano.

Ainda nesse jogo de presença e ausência, Derrida tem um texto que ele escreve sobre uma ligação telefônica, e é muito louco o caminho que estamos seguindo sobre o escutar no telefone. Nos dias de hoje, muita gente com preguiça de escrever prefere mandar áudio. Diante disso, qual a resposta do capitalismo? Vamos acelerar os áudios. É a velocidade da escuta que está em jogo, ela quer o tempo todo chegar e não importa como. Ainda na lógica telefônica, o que é receber uma ligação na madrugada? A força espectral da escuta é acionada de uma forma que muitas vezes nunca dormimos tranquilo. Ora, a escuta pode embaralhar a suposta delimitação do público e do privado. Nesse sentido, parece que há uma escuta que é sempre uma cena de família. Em muitos grupos, em lugares específicos, em tempos passados, sempre se escuta os mais velhos, os mais experientes, os pais. Assim, a escuta é uma cena de família, em que, a princípio, aprendemos a escutar quando nos mandam calar. O pai sempre fala, ou a autoridade sempre fala, visto que na sociedade em que vivemos de muitas mães solteiras, de pais que abandonam os filhos, é a mãe que fala, e precisa falar. A mãe é a autoridade. É curioso

que, nos primeiros movimentos de rebeldia do jovem, está em jogo a questão de não ser escutado. Mas, é preciso reforçar que, nessa cena da escuta da família, muitos não escutam as violências e torturas cotidianas que escutamos de nossos quartos ou da casa do lado. Assim, o que realmente pode a escuta contribuir na formação de cada um?

É preciso lembrar que, talvez, antes de nos preocuparmos tanto com o lugar de fala, existe o lugar da escuta. Estamos falando para quem? Até porque falar de lugar de fala pressupõe que saibamos o que é um lugar, de que lugar estamos falando, e que todo lugar é um lugar fixo, imóvel, territorializado. Pressupõe, inclusive, que saibamos o que é uma fala e todos os atravessamentos que constituem o falar e até mesmo o não-falar. Além, é claro, de limitar a fala, o ato de falar, a emitir sons, e reforçar seu lugar numa hierarquia da linguagem enquanto significante do significado, dando assim todo um sentido a um imperialismo do *logos* que reforça a história da imposição do pensamento ocidental. Sem contar a preposição *de*, na expressão lugar de fala, que relaciona, expressa, subordina, liga, conecta e agencia palavras e ideias. Tem muita coisa em jogo aí.

Mas voltando à relação entre escuta e justiça, ou escuta e direito, é preciso pensar o lugar da escuta como o lugar da punição, espaço construído e mantido em nome da democracia e da justiça. Esse espaço, esse lugar, que coloca o outro para que escute e assim assuma a culpa, assim carregue o peso da escuta, já que a voz tem peso e pesa na escuta. E, se pesa na escuta, pesa a vida. Esse é o risco de uma escuta punitiva, corretiva, condenativa, denunciativa, confissativa. Como pensá-la em termos de justiça? Visto que, ao fazer o outro escutar, talvez, num primeiro momento, a pessoa se alivia, mas o que se constrói nessa relação? Então, nesse contexto democrático onde todos podem e falam o que querem, quando querem, sem ao menos perceber se tem alguém ouvindo, a necessidade de fazer o outro escutar como punição é uma forma de pensar a distinção entre direito e justiça e, conseqüentemente, colocar em xeque o que realmente entendemos por democracia. Mas como preferíamos abandonar e negar nossas heranças indígenas e africanas, em nome da herança europeia, portanto, do direito e da justiça ocidental, teríamos dificuldade de entender os modos de ser e viver das sociedades Dagara em Burkina Faso na África. Sobonfu Somé conta que na cultura Dagara cria-se espaços e rituais nos quais as pessoas falam de suas mágoas, de suas ânsias, de suas angústias, de suas necessidades de justiça sem atribuir ao outro o peso da culpa, sem precisar fazer com que outro sofra para que a vítima se alivie com o mal do outro.

Muitas vezes, a gente pensa no estômago que fala, mas quem escuta esse som que ecoa de dentro, do interior do corpo? Eu o outro? E ainda no interior, se pensarmos na escuta dos famintos, aqueles que sofrem com a fome, falamos aqui daqueles que sofrem com a fome de comida. O que é escutar a partir desse lugar? O que é escutar de fora essas falas? Se quando a Spivak pergunta *Pode o subalterno falar?* E ele não responde, é claro, pelo menos não faz a gente escutar tão facilmente. A questão imediata que poderíamos trazer é: quem pode escutar? ou quem quer escutar? Até mesmo, quem é realmente que escuta? E se escuta, escuta como? E se escuta, escuta por quê? Ou para quê? Além, é claro, o que se escuta? Voltando a cena de família, cena da casa, que invoca, também, os animais domésticos; além dos indesejados, invoca, até mesmo, a lógica da hospedagem, do acolhimento, do parasita e do hospedeiro. Muitas vezes, nessa cena de família, o hóspede vira o animal perigoso, indesejado. Mas, há, quando, o hospedeiro, no Gregor Samsa da *Metamorfose* de Kafka, que ao se tornar o que sempre foi, uma barata, um animal peçonhento, um estranho, um *unheimlich*, um estranho familiar, a família já não o escuta, escutam apenas grunhidos. Quando pensamos no *Homem dos ratos* do Freud, e que dizem ter sido superado, mas que retornamos aqui por uma questão simbólica; é importante conjurar, porque há uma beleza, por mais que seja narrada a partir de uma imagem de violência e que se mantenha, de certa maneira, mantendo uma violência contra si próprio e o outro; Freud traz para a gente não apenas um rato, mas uma ninhada, uma rataria, uma ratada de ratos enquanto significantes. Mas quando você mora em condições que a pobreza te constitui, a hora de dormir nunca é totalizante. É difícil se entregar totalmente aos braços de Morfeu. A escuta possui, então, um caráter fundamental, porque muitas vezes é preciso disputar e cuidar da comida dos pequenos invasores, sobretudo, ratos que tentam ganhar na surdina. Nesse sentido, se, lá em Freud, aquele jovem homem de formação acadêmica recebe uma constante visita de ratos enquanto significantes de significados. Quando se vive nessas condições de que falamos, os ratos são muito reais. Dessa maneira, os ratos não são meros significantes de significados nem significantes de significantes. Seus passos são escutados, reproduzindo uma presença presente, não um significante que representaria uma ausência. Mas, toda essa ninhada de ratos desperta nossa escuta, uma vez que os significantes são espectrais e possuem uma materialidade capaz de tocar, de fazer escutar. Tudo isso para falar de uma escuta ativa, de uma escuta alerta, de uma escuta noturna, de uma escuta dos passos.

Talvez, uma verdadeira escuta, uma escuta incondicional, aberta ao por vir, ao acontecimento, consistiria numa realidade na qual, quando realmente escutamos o outro, o outro não precisaria falar. Até porque, se considerarmos uma escuta para além da palavra falada, existem outros elementos que precisam ser escutados. Cabe ainda lembrar que toda essa fala gira em torno da questão do humano, é antropocêntrica demais. Estamos falando aqui da escuta do humano e sem pensar em nenhum momento o que é a escuta no animal ou quem escuta o animal. Adriano Negris tem um texto belíssimo intitulado *Pode o animal falar?* Uma outra questão que fica também centrada na questão do humano. Mas quando colocamos a questão do próprio, da propriedade do humano e do não-humano, o que diferencia a escuta de um em relação ao outro? A gente sabe o quanto a questão da linguagem, do entendimento e do sentido foi uma questão que diferenciava o humano do não-humano, do animal. Nesse sentido, a questão da escuta com certeza cai nessa pegadinha de escutar ou ouvir. Não estamos preocupados com essas duas diferenças porque elas podem acabar promovendo uma hierarquia, mas o que seria a escuta do animal? De todos os tipos de animais. O Axogum é aquele que, no candomblé, corta para o santo, aquele que faz o sacrifício, oferece o sangue ao Orixá ou ao santo ou a entidade. Por isso brincamos que Abraão teria sido o primeiro axogum no “Ocidente”. Assim, se pudéssemos falar de Ocidente, mas, talvez, ali, onde não era a Europa, nas margens da Europa, na periferia da Grécia, entre o helenismo e o abraãmismo, o Ocidente tenha sido forjado a faca e a sangue. Nesse sentido, na hora do sacrifício, o axogum tem que estar num processo de concentração e de dedicação ao animal, de escutar o animal, para escutar e assim acalmar, até mesmo cantar, no caso rezar, para que, possa receber o animal e, assim, oferecer. Até mesmo no sacrifício, a oferenda de um animal, é preciso saber escutar o animal, mas ora, o animal não fala, não? Então, o que escutamos?

Ainda nessa questão do animal, o que é a expressão bicho atrás da orelha? É muito curioso fazer essa referência ao animal, ao bicho, ao não-humano quando temos algo que nos persegue, que nos tira do lugar, que nos incomoda, que nos deixa quieto. Mas, o curioso é o lugar que ele está, a orelha. Talvez, esse bicho atrás da orelha seja um sinal de que a escuta nunca dorme ou nunca deve dormir. E falando em dormir, é interessante voltar ao caso de família, mas nesse caso a própria casa, que se dá sempre na sua relação com o fora. O evento *Humanidades Encantadas* organizado por Rafael Haddock-Lobo e Thamara Rodrigues sobre humanidades, sonhos e encantamentos, nos trouxe muitas reflexões e aberturas para pensar, ou melhor, escutar os sonhos. É muito curioso o quanto

muitas vezes um som externo influencia no nosso sonho, o bater na porta, a campainha, o despertador, um grito. Nossa escuta noturna nunca dorme. Ainda sobre a casa, o que é receber uma visita inesperada? Quando batem à minha porta, é claro, quem são ou quantos espectros retornam do passado de alguém com um simples bater na porta? Para quem nunca teve casa, nunca teve cama, e sempre dormindo no chão na casa dos outros, o sono não pode ser absoluto. Assim, por uma outra via, a escuta se posiciona sempre tentando ser absoluta para capturar tudo, os mínimos passos, detalhes, um simples passar de passos de um rato. Voltando à questão da casa, o que é ter um animal em casa? Derrida invoca seu gato que lhe vê nu. Mas, quando, no lugar do animal ou do humano, se tem uma planta; quando se conversa com a planta, o que é se abrir para escutar aquela que não fala, ou não emite sons? Podemos observá-la, podemos escutar o seu silêncio.

Sobre questão do lugar, é interessante a gente perceber que há uma imagem muito comum associada a Paulo Freire de que todos têm de falar ou que têm o que falar. Não estamos negando isso. Mas quando Freire traz a questão do ato de ler, de ler o mundo, de que a leitura do mundo precede à leitura da escrita, vale reforçar que, no caso da escrita alfabética, mas também de alguns hieróglifos, são escritas fonéticas. Podemos levantar uma questão: o que seria pensar esse mundo que precede à leitura da escrita? Esse mundo seria fonético ou seria um signo vazio? Quando Freire insiste que é preciso ouvir para falar, que é preciso ouvir para conhecer, que é preciso ouvir para aprender e desaprender, ele está marcando esse lugar da escuta, de escutar o outro. E, se estamos falando de ler o mundo, se pensarmos o indecível da escrita enquanto escritura ou escrita fonética, podemos pensar pelo menos duas possibilidades; uma é a de que esse mundo que a gente lê, a gente também escuta, porque seria fonético; e uma segunda, é a de que esse mundo é o próprio *logos* e, enquanto *logos*, é escritura. Ora, o que estamos tentando pensar é sobre escuta do mundo, mas, também, de um mundo por vir. Tem gente que adora escutar briga e outras coisas da casa do vizinho; também é muito bom sair na noite e ficar atrás, com a escuta atenta, onde tem um som rolando. A escuta acolhe, mas também captura, ela faz daquilo que ouve um refém. Mas não vamos também romantizar ou trabalhar a escuta a partir de uma questão moral. Há uma violência na escuta, uma violência que precisa ser pensada para além da questão moral.

A escuta é fundamental para entrar na dança, pois tem que saber escutar, escutar para entrar no ritmo. O quanto é preciso saber escutar, escutar o apito final, escutar quando o adversário bate no tatame, escutar para invadir no corredor. Nos bailes funks da

década de 90, quando se invadia, esperava-se a batida mais forte, o 808 Voltmix, que trazia a batida do bum bum bum bum; era como o coração da Terra pulsando. Por isso, no baile, o chão treme. Ainda nessa lógica dos anos 90, a escuta era importante para saber de onde a galera rival era. Não podia vacilar na escuta, fosse na hora do confronto ou na hora do grito das galeras. Nos terreiros de candomblé, ouvir o atabaque, o som produzido pelo *rum*, *rumpi* e o *le*, é fundamental para saber para qual orixá vai se dançar. Mas, também, para deixar a incorporação acontecer. Pensando na questão do transe, qual ouvido que escuta o batuque? O que é a escuta quando escuta o canto, afinal, quando *ogã* canta? Quando a cantora ou o cantor estão cantando, eles estariam ouvindo? Fabiana Cozza diz que muitos cantores são surdos para o outro. Para além de quem canta, o que é ou quem é e como ecoa na gente o cantar? E falando em cantar, o samba, que é um dos nossos cantos, nos traz muitas sabedorias acerca da arte ou do ato de escuta. É maravilhosa a postura do mestre Aluísio Machado, com seus 82 anos, com tantos prêmios e homenagens, que traz em seu corpo e espírito a história do samba, quando fora convidado para dar uma palestra, começa por dizer que prefere ouvir do que falar, porque aprende mais, e continua explicando que o verdadeiro malandro é aquele que escuta mais do que fala. Assim, a gente percebe o quanto o samba, o sambista, traz de ensinamentos. Não estaria Dona Ivone Lara pensando uma outra escuta quando diz para pisarmos devagarinho? Visto que ela já começa por nos lembrar que alguém lhe avisou. Então, como boa ouvinte, chega devagar, escutando para aprender. Quando Candeia diz que mudo é quem só se comunica com palavras, não seria surdo quem só escuta palavras? Em que medida a língua dos sinais é fonética? O que sentimos na palavra soprada ao pé do ouvido? Quando a gente escuta o coração acelerado do bebê no pré-natal ou quando vai fazer o ecocardiograma, ou o que bebê escuta quando a mãe conversa com ele? Ora, o que é escutar afinal? Se antes escutamos Candeia, podemos agora escutar Jorge Aragão que nos ensina a escutar a partir dessa coisa de pele, já que poderíamos também dizer que surdo é aquele que só escuta pelo ouvido, que não se deixa escutar pela pele, permitindo as ressonâncias tocarem o corpo, deixando o corpo escutar, uma vez que o corpo escuta com toda sua superfície as coisas do mundo.

Há uma questão de estética, no seu sentido grego, de *aisthété*, de sensibilidade, de percepção, no quanto nossas escutas estão sensíveis para ouvir, por exemplo, ouvir o coração. Fabiana Cozza conta da sua experiência em cantar para os batimentos dos recém-nascidos encontrarem um ritmo bom das batidas do coração. Não estamos falando aqui

de uma escuta do coração enquanto amor, não vamos por esse caminho. Mas, por exemplo, pensamos numa coisa muito linda, que nos remete a Jean Luc Nancy, quando traz a questão do estrangeiro, no seu texto *O Intruso*, em que trata do seu transplante de coração. Nancy carregava em si um outro, um estrangeiro, o coração de outro. Assim, o que seria escutar o coração que não é seu? E se fosse um coração mecânico, o que seria escutar um coração artificial? E se Nancy tivesse escutado Agamben e recusado fazer o transplante de coração? Nancy fez o transplante e viveu ainda mais dez anos com um coração transplantado, vindo a morrer nesse ano de 2021. Ainda nessa questão do intruso, o que é aquilo que escutamos senão algo da ordem do intruso, do hóspede, do invasor, daquilo que chega sem pedir permissão? Nesse sentido, a escuta é da ordem da hospitalidade.

Voltando à questão do transplante, temos aí uma questão de técnica, da técnica do transplante, da técnica da produção de um coração mecânico, portanto, não natural. O que é então escutar um coração máquina? O que é não ouvir o coração, como no caso do homem de lata que não tem coração em Dorothy e o *Mundo mágico de Oz*? Essa questão da técnica, da máquina, da prótese está tão ligada à questão da escuta que podemos pensar a pessoa diagnosticada com surdez. Mas em relação à prótese, à máquina, à técnica, o que são os aparelhos e o que pode o aparelho para a escuta? O que essa pessoa escuta sem o aparelho? Aquilo que se escuta pelo aparelho é mecânico também ou é natural? Será possível pensar os limites do natural e da técnica? O que se escuta quando não se escuta nada? Quais os limites dessa experiência de escutar?

A sensibilidade do toque no ouvido já vem desde a antiguidade. Encontramos em Ptahotep no Egito, em Aristóteles na Grécia. Todos estavam preocupados com essa questão, curioso lembrar que é quase sempre uma escuta ligada à fala. Em seus *Ensinamentos*, Ptahotep há mais de 4 mil anos nos contemplava sobre a arte de ouvir, explicando que um verdadeiro sábio só domina a arte da oratória, imprescindível para a vida pública, quando antes aprende a escutar (*sedjem*), sobretudo, escutar *maat*. Todos sabem a ideia clássica de Aristóteles em *Da Interpretação* de que a fala reproduz os estados da alma. Se consideramos isso, já somos atingidos diretamente por essa fala no processo mesmo de escuta. Assim, como é importante saber escutar e, até mesmo, o que escutar, já que a escuta também desencaminha. Por isso, a preocupação de algumas sociedades tradicionais com o que se fala. A preocupação não é apenas com quem falou, mas com quem vai escutar. É, também, clássico ouvir dos mais velhos, escute os mais

velhos, não escuta besteira na rua, cuidado com o que você anda escutando. É a partir dessa experiência que andamos nas ruas, becos, vielas, marquises, esquinas e encruzilhadas, escutando os códigos escritos e falados.

No *Fedro* de Platão, Sócrates diz que a escritura, se referindo aos papiros que Fedro escondia debaixo dos panos, o conduziria para além dos limites da cidade. Sabemos, naquele cenário grego da *pólis*, o que está e quem vive fora desses limites, bestas ou deuses diz Aristóteles em *A política*. O que se escuta para além daqueles limites? Mas o curioso dessa cena é que, talvez, fosse a própria fala, mas também por estar escutando Fedro que Sócrates estava se desviando. Assim, podemos dizer que há uma relação da escritura, da fala e da escuta. Talvez, então, todos esses elementos sejam da ordem do *logos*. Vale a pena lembrar que Sócrates sempre se colocava a fazer uma consulta com os oráculos, escutava as sacerdotisas. Aliás, Sócrates tinha seu próprio *daimon* que ele estava sempre escutando. Sócrates, aquele que não escreve, diz Nietzsche. Talvez, Sócrates tenha sido aquele quem mais escutou. Mas, como Sócrates escutou é outra história. A questão de escuta, no contexto socrático, invoca, também, certos mitos da democracia nos quais todos podem falar, assim sendo, o que podem ou devem ouvir? Sócrates foi condenado porque dizia o que não se queria escutar. Portanto, uma democracia na qual se podia falar aquilo que era permitido escutar. Na democracia em que todos querem falar, poucos querem escutar, ninguém quer escutar aquilo que não lhe agrada. Condenado à morte, Sócrates, aquele que escutava, se recusou, a se defender, a falar diante de seus juízes, uma vez que esses só ouviriam a voz do direito, a voz da lei, a voz do que eles entendiam por justiça. Sócrates, então, era um estrangeiro que, falando um outro idioma, o da filosofia, não seria escutado, sendo, então, condenado à morte.

Ainda nesse contexto grego, nessa antiguidade, o caso da escuta, por excelência, levou recentemente Mariane Biteti a pensar um movimento poderosíssimo, ao pensar uma filosofia contra-odisseu. Pensando a cena clássica de Odisseu ao tentar desafiar as sereias, que, atuando a partir de uma lógica da técnica, mas também de uma suposta astúcia, venceria os seres da natureza. Na tentativa de querer ouvir as sereias, Odisseu, ao se amarrar no mastro, enquanto os outros tripulantes estavam com cera no ouvido promove uma tentativa de captura dessa escuta. Ora, pelo menos três movimentos podemos ver ali, três cenas de escuta: a escuta de Odisseu estava completamente condicionada, já que ele queria ouvir o que ele queria, se condicionando a uma situação talvez não natural, para escutar as sereias; uma outra, pensando com Kafka, é de que as sereias se calaram, e

Ulisses ou Odisseu acreditava estar escutando enquanto na verdade não escutava nada, ou seja, essa condicionalidade, de que falamos anteriormente, é tão violenta que Ulisses só escuta a si próprio. Parece alguns grupos hoje em dia que não escutam nada que não seja aquilo que lhes convém, quase um mito narcísico da escuta. E a outra, que a Mariane traz, aponta a fraqueza de Ulisses, que sabia, na verdade, que era fraco, pois não podia enfrentar o *logos* das sereias. É claro que alguém vai falar que ele iria morrer, etc. Mas a questão não é essa, é, talvez, pensar qual é realmente esse lugar do grande herói grego. Talvez os grandes pensadores estejam certos: Ulisses é o homem da técnica, da astúcia, mas, nada mais, nada mais.

Ainda na antiguidade, o caso Abraão é fundamental. Podemos pensar o quanto ele não nos remeteria diretamente à modernidade, tal como a Mariane fez com Ulisses, uma vez que tem uma questão curiosa. Em *O elogio a Abraão em Temor e Tremor*, Kierkegaard inicia o seu texto com Descartes. Kierkegaard se abre à escuta abraâmica vinda de forma espectral da antiguidade. Preocupado em pensar seu tempo, um tempo que tem uma indecidibilidade temporal acerca da modernidade e contemporaneidade, trazendo, talvez, um dos autores principais que abre a modernidade europeia.

Abraão nos traz a questão da escuta que é colocada diante de um indecidível, mas que ele, em nome da fé, não duvida, não questiona, não titubeia, só olha pra frente, ele escutou e obedeceu. Sabemos que, em Paulo Freire, a questão da desobediência é fundamental na sua relação com a escuta. Mas no caso de Abraão, esse obedeceu e seguiu firme. Abraão escutou de uma voz, que se supõe divina, angelical, que ele deveria sacrificar seu filho Isaac. Ele não duvida, ele não questiona, ele acredita que a sua escuta está perfeita. Ele escuta bem, ele tem fé na sua escuta. Seria, então, a escuta um ato de fé? E em todo o processo de subida ao monte Moriá, ouvindo essa voz, que se mistura com sua voz interna, Abraão não duvidava. E quando chegou ao alto do monte no momento em que puxa a faca para sacrificar seu filho, então, ele é liberado pela voz, pelo anjo que aparece, e passa a faca no carneiro. Seria Abraão o primeiro axogum da história? E se a escuta falhasse quando o anjo falou? Então, ele escuta que não precisaria sacrificar porque provou sua fé. Como essa cena da escuta pode ser entendida? Como o vacilo de Abraão? Ou como o momento maior da prova de fé? Ele acreditara na escuta, confiou na escuta. Em nenhum momento, se coloca a questão de que Abraão é um assassino em potencial, ou de que Abraão poderia estar esquizofrênico, por exemplo, escutando coisas, até mesmo um anjo maligno de Descartes. Abraão não duvidava da voz. É uma questão

de escuta, é uma questão de hospitalidade, já que essa escuta acolhe e obedece. Nesse sentido, Descartes vai ser mais desconfiado em relação ao gênio maligno. Descartes, aquele que duvida. Porém, acreditou que o corpo é máquina, disso ele não duvidou, como, também, não duvidou da própria existência. Nesse sentido, qual a diferença entre um corpo máquina que escuta e um corpo carne-espírito, um corpo que pode pelo menos tentar escutar de forma incondicional? Quem se arriscara mais ao ouvir? Ulisses o herói? ou Abraão, o eleito?

Ora, não apenas os mitos, mas toda uma lógica espiritual ou religiosa nos ensina a escutar o que não foi dito, o que não foi pronunciado de forma oral, pela fala, pelo *logos* falado. Talvez, estejamos pensando aqui num *logos* do silêncio, no qual só a escuta aberta ao por vir pode permitir que se ouça o que não fora emitindo por meio de som. Assim, depois desses dois clássicos da história da escuta, da escuta mítica ou da escuta espiritual, é importante lembrar que nas religiões de matriz africana, como no caso do candomblé, a escuta é fundamental, é preciso saber ouvir para aprender e conhecer. Uma das falas mais lindas que já ouvimos foi do babalorixá Adailton de Ogum, que dizia que sua vida fora guiada pela escuta. E pela escuta dos ancestrais, dos orixás e do outro, seja ele quem for. Pai Adailton ainda nos lembra da importância de escutar aquilo que não é humano, o não-humano. Ele não está falando apenas dos orixás, dos ancestrais, mas está falando, por exemplo, a importância que uma pedra sagrada pode ter, uma pedra que fala em silêncio. Como estar aberto ao silêncio? Como preparar a escuta para ouvir o nada? Ouvir o vazio, o silêncio? Talvez, o silêncio fale muito mais e exija da gente uma capacidade muito maior de escutar do que aquilo que é dito. Ainda nessa lógica espectral da escuta espiritual, podemos pensar como é potente ouvir um orixá, uma entidade. Quem é da rua, na madrugada, procura sempre deixar a escuta do corpo atenta às falas dos povos da rua. Talvez, uma das formas mais radicais de se abrir a uma escuta por vir seja a de ouvir aquela voz que vem de um outro absoluto, de um espiritual, uma voz vinda de deus, dos deuses, dos orixás, das entidades, do outro totalmente outro, daquele outro que não avisa que vai falar, mas que fala sem se anunciar.

Diante de tudo isso, nessa escuta sensível, qual a relação da escuta com a questão do inumano ou dos desumanos? O que produz a desumanização do outro em termos de escuta? O quanto o não escutar, ignorar a fala do outro, possuir uma escuta condicionada, que acaba sendo ativa e não passiva, uma vez que, ao não escutar, o ato mesmo de escutar pode promover a desumanização do outro? Ora, voltando ao Narciso, se não escuto a

minha voz, se o eco não reproduz exatamente a minha voz, eu o desumanizo, eu o executo ou o deixo morrer, é o movimento mesmo de Narciso com a fada Eco. Por mais que ela reproduzisse a voz de Narciso, foi capturada ao ser vista, já que Narciso só escuta a si mesmo. Então, a desumanização se passa em não entender o que o outro fala, não considerar a fala do outro como uma fala, mas apenas como ruídos, rugidos. São formas e práticas de desumanizar pela escuta, de negar o mundo do outro em sua realidade via o escutar. Além, é claro, da desumanização ao entender que o outro não é tão humano porque não me escuta, não me entende. Por isso, brincando com o *Temor e Tremor* do Kierkegaard, por que trememos quando ouvimos uma voz cavernosa daquilo que chamamos de monstros, de monstros inumanos? Por que trememos diante de um tom apocalíptico? Pensando, com a Estamira, quem vai querer ouvir, escutar essa mulher que dizem ser louca? A fala do louco nunca foi escutada, apenas quando teve que ser capturada e usada contra ele. A dos poetas, também. Existe toda uma produção de quem não escutar. Em geral, não se escuta os marginalizados, as vozes que vêm das margens, vozes que margeiam, diria Mariane Biteti (BITETI, 2021). O louco e o poeta, tidos por alguns como inimigos da democracia e da ordem, exigem de nós uma outra escuta, aquela que transborda os limites da escuta da razão, do *logos*. Quando Estamira fala, ela estremece tudo, é o próprio apocalipse. Então, por que escutar? Estamira tem a voz das beiras, da beira do mundo. Sua voz está aqui e ali, então não tem como não ouvir, apenas calando-a, apenas trancafiando-a num hospital psiquiátrico. Estamira nos ensina a importância de escutar a natureza, os loucos, os nitidamente loucos, diria ela.

Se voltarmos ao Saussure do *Curso de Linguística Geral*, podemos dizer então que a fala só é aprendida porque ela possui uma materialidade? Mas ela possui uma outra estrutura não-material. Então, sim, a fala é espectral. Porque se considerarmos que a voz é espectral, talvez a escuta também seja, já que um lugar nunca é exatamente um lugar, um lugar fixo, um lugar imóvel. Entendemos o lugar como um lugar espectral. E a escuta, sendo o lugar que recebe, ela muda, transforma e cria outros mundos, outros lugares. Assim, a escuta não seria a espectralidade por excelência em sua própria estrutura? Ora, essa questão invoca a discussão clássica da filosofia acerca do real. Qual a relação do real com a escuta? O escutar garante a realidade? Se entendemos a escuta como lugar de construção e de transformação de mundos, criamos um mundo real, uma realidade concreta, até mesmo ideal, abstrata, espectral. Sem querer defender que vivemos em realidades espectrais, mas que mundo criamos ao escutar? Que mundos são possíveis?

Retornando ao que falamos anteriormente, o que é possível, considerando todos esses aspectos da escuta, ao pensarmos a escuta como método? A experiência de uma escuta outrem como método, como caminho, como abre-caminho como vem falando o Rafael Haddock-Lobo. Em *Oscilação do Real*, Rafael traz uma questão, que é inclusive uma questão de método da Mariane, que é a questão da distância, que é pensar, em termos da geografia, a partir do conceito de escala. Qual o sentido ou os limites da produção da escuta, pensada em termos de distância, de escala? Falar ao pé do ouvido ou falar a partir de uma certa distância, quais implicações? Falar perto demais pode confundir se for muito perto e parecer um sussurro. Por outro lado, falar de longe pode não ouvir bem, pode possibilitar que outros também escutem. Nesse sentido, lançar a palavra ao vento é uma forma de abri-la ao entendimento do outro. Porém, por mais que muitas pessoas escutem, cada uma vai escutar diferente. Diante da palavra soprada ao pé do ouvido, o que é a escuta? O que se escuta quando nos sussurram ao pé do ouvido? Quando nos sopram ao pé do ouvido? A brincadeira de criança do telefone sem fio mostra a potência da repetição transformadora do ato de escutar. Ao falar, algo muda na repetição. O escutar é sempre a repetição. Assim, a escuta sempre acolhe a diferença na repetição.

Rafael Haddock-Lobo resgata de Derrida que *a coisa mesmo escapa*. Acreditamos que ali ele está pensando em termos das tentativas de apreensão do real pela ordem do entendimento. Poderíamos dizer, então, que a coisa mesma sempre escapa à escuta? Na esteira da oscilação, Rafael reforça sobre a impossibilidade de apreender o outro; portanto, de compreender o outro, conseqüentemente, conhecer o outro. Podemos pensar a escuta a partir dessa postura filosófica, a saber, da impossibilidade de escutar? Se escutar o outro em toda sua dimensão e plenitude é da ordem do impossível, então, mais do que nunca escutar é urgente e necessário, já que todas as falas, todas as vozes que pedem justiça, por exemplo, podem se perder num eco infinito no qual o outro nunca vai escutar. Assim, falar é importante, mas saber escutar, conseguir do outro a abertura para a escuta não se dá pela violência, talvez, apenas pelo acolhimento. Diante disso, é impossível pensar uma escuta absoluta se ela não for espectral, uma vez que o absoluto só pode ser espectral, já que o absoluto é sempre impossível. Nesse sentido, em que medida a escuta é confiável? Escutar seria da ordem da crença? Mas, se então eu nunca escuto realmente, se escutar é da ordem do impossível, se algo vai sempre escapar à minha escuta, uma vez que minha escuta é condicionada, minha escuta embaralha, há sempre um ruído, há sempre um sotaque, há sempre um acento que faz a diferença no

entendimento; então, algo vai sempre permanecer em segredo, sem saber, não escondido, não por trás dos panos, por trás da pele que protege o tímpano, mas algo que não me foi revelado, que permanece em segredo. Ao mesmo tempo que guardarei o segredo do que escutei, pois nunca vou poder dizer ou o outro nunca vai poder conhecer, ao me escutar, o meu segredo. Essa relação do segredo com a escuta pode nos ajudar a pensar o quanto a espectralidade da escuta abre um caminho para um por vir, abre caminho, pela mata, por meio do facão de Ogum, como diz Rafael Haddock-Lobo, enquanto método, um método de cruzo, no qual os cruzamentos são produzidos pela escuta.

A escuta sempre chega, não marca hora. Escutar é acontecimento, a escuta está lançada num por vir. Nietzsche sabe do perigo da escuta, quando, em *Amigos fantasmas*, diz que, quando nos transformamos muito, e escutamos as vozes de nossos amigos que não mudaram, essas vozes passam a ser fantasmas do nosso próprio passado, e passam a ser fantasmas de nosso passado mais jovem, mais duro e menos maduro. Quando Carl Schmitt está preso e diz que recebeu uma visita na noite anterior, era um fantasma, um espectro, que lhe lembrou que é preciso escolher seus inimigos antes que eles o escolham. A voz vem sempre anunciar, mas a escuta tem que estar sempre aberta ao que chega. O rapper paulista Dexter, que de dentro da cadeia compôs uma música espectral e cavernosa, *Conflitos*, fala de algumas visitas à cela durante a noite. Dexter elenca pelo menos 5 espectros que chegam pela voz e querem ser ouvidos: a depressão, o ódio, a tristeza, a impaciência, a descrença. Essas vozes espectrais, e é assim mesmo na gravação meio que cavernosas, querem tirar sua paz de alguma maneira. Mas o movimento mais interessante é de como ele escuta, recebe e lida com esses espectros, essas vozes que chegam à sua cela. Dexter entende que, estando preso, estando na cadeia, ainda assim, a pior prisão é a da mente. Receber essas vozes, escutar essas visitas, aponta o limite que nem sempre é fácil encontrar que marca uma escuta que não sabemos se vem de fora ou se vem de dentro.

Compreendendo sempre a dificuldade dos limites, do dentro ou do fora, do eu e do outro; a questão da escuta, a partir da discussão da colonialidade, é de uma importância radical se quisermos pensar a desconstrução da colonialidade. Considerando toda a questão da violência colonial, sabemos que a violência da interpretação é também devido à violência do somente poder escutar uma voz, uma herança. Nesse caso, a voz do colonizador. Para pensarmos uma escuta por vir, é preciso desconstruir, deslocar o lugar hierárquico que a voz europeia ocupa nas sociedades do sul do mundo. Nesse sentido, é

preciso urgente deixar vir, deixar acontecer nossas vozes africanas e indígenas que foram reprimidas, mas que sempre ecoaram de forma espectral nas nossas sociedades de diversas maneiras. Por isso, é preciso escutar as vozes e os sons que ecoam dos quilombos e das aldeias. Talvez, seja a hora de escutar essas outras vozes. Mas, para isso, é preciso um deslocamento da escuta e deixar, num primeiro momento, as ressonâncias coloniais de lado. Não estamos falando para negar, isso é impossível, seremos sempre assombrados por essas vozes.

Davi Kopenawa, em *Descobrimos os brancos*, conta o quanto os brancos foram expulsos dessas terras por não saberem escutar os ensinamentos de Omama, o criador das florestas, dos humanos e dos animais. Kopenawa explica que os brancos, ao recusarem os ensinamentos de Omama de preservar e cuidar da natureza, acabaram por escolher destruí-la. Kopenawa ainda diz que, devido ao barulho produzido pelos brancos, esses não conseguem mais pensar direito. O pensamento dos brancos, assim, está confuso e obscuro. Por essas e outras razões, Kopenawa defende que a floresta permaneça em silêncio. Nesse sentido, Kopenawa explica que o homem branco trouxe o barulho e, por esse motivo, não escuta bem, não é mais possível ouvir a voz da natureza, dos espíritos da natureza, dos espíritos dos nossos ancestrais. Contando a história do seu povo Dagara, Sobunfu Somé, em quase todo o seu livro, insiste da importância de abrir os ouvidos à escuta do espírito. Além, é claro, como já falamos, de escutar os mais velhos, a natureza, as árvores, os animais. Ela ainda insiste que precisamos escutar essas forças que normalmente ignoramos.

Por uma escuta por vir, considerando a lógica de escutar o espectro, escutar os fantasmas, escutar a ancestralidade, escutar a promessa, escutar a herança, o escutar é por vir. Se os colonizadores não escutassem apenas a própria voz, operando pela lógica narcísica de escutar apenas a si próprio, talvez, teriam entendido, como lembra Aimé Césaire, que os povos bantus da África, quando diziam *ubuntu*, estavam falando que eles só são se o outro é. Trata-se de uma forma de acolher a humanidade do outro, e não de destruir, tal como foram todos os processos de colonização da escuta condicionada. Assim, contra as forças coloniais do ocidentalismo em suas roupagens de neoliberalismo e globalização, a escuta por vir é a própria desconstrução da colonialidade.

Referências bibliográficas

BITETI, Mariane de O. Morte e Vida Pombogira. *Abatirá - Revista De Ciências Humanas E Linguagens*, 2021.

BITETI, Mariane de Oliveira; MORAES, Marcelo J. D. Vidas e Saberes Periféricos como Potências Transgressoras. In. *Tlalli Revista de Geografía*. 2019.

BORGES-ROSARIO; MORAES, M. J. D. HADDOCK-LOBO, R. (org.). *Encruzilhadas filosóficas*. Coleção X. Rio de Janeiro: Ape'ku, 2020.

CAMPOS, Andreilino. *Do quilombo à favela*. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2012.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Tradução: Nóemia de Souza. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

COSTA, Adailton Moreira. Exu nos cria, exu nos sustenta. In. *Revista Cult*, Ano 24. Edição 271, Julho, 2021.

DERRIDA, Jacques. *Políticas da Amizade*. Tradução: Fernanda Bernardo. Porto: Editora Campos das Letras, 2003.

_____. *Espectros de Marx*. Tradução: Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

_____. *Margens da Filosofia*. Tradução: Joaquim Costa e Antonio Magalhães. São Paulo: Ed. Rés, 1991.

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2020.

_____. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1989.

HADDOCK-LOBO, Rafael. Oscilação do real. In. HADDOCK-LOBO, Rafael. *Experiências abissais ou sobre as condições de impossibilidade do real*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.

_____. *Fantasmas da colônia*. Rio de Janeiro: Editora Ape'Ku, 2020.

JAPPE, Anselm. *A sociedade autofágica*. Tradução: Júlio Henriques. São Paulo: Elefante, 2021.

MORAES, Marcelo José Derzi. *Democracias espectrais: por uma desconstrução da colonialidade*. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2020.

_____. A desconstrução da colonialidade em Paulo Freire. In. *Revista Humanidades & Tecnologia (FINOM)*. Centenário de Paulo Freire: memórias e ressignificação da práxis educativa libertadora. Volume 32, out/dez 2021.

NANCY, Jean-Luc. *À escuta*. Tradução: Fernanda Bernardo. Belo Horizonte: Editora Chão de Feira, 2014.

_____. *L'intrus*. Paris: Éditions Galilée, 2000.

NEGRIS, Adriano. Pode o animal falar? In. *Revista de Filosofia SEAF*, Ano: 12. N. 12, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano Demasiado Humano II*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RANCIÈRE, Jacques. *O ódio à democracia*. Tradução: Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2014.

SANTOS, Maria Moura dos. *Mística dos Encantados*. Trairi CE: Editora Edições e Publicações, 2020.

SOMÉ, Sobonfu. *O Espírito da intimidade*. Tradução: Deborah Weinberg. São Paulo: Odysseus, 2003.

SOLIS, Dirce Eleonora Nigro. *Arquitetura da desconstrução e desconstrução em arquitetura*. Rio de Janeiro: Editora UAPÊ, 2010.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução: Sandra Regina G. Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

YANOMAMI, Davi Kopenawa. Descobrimos os brancos. In. NOVAES, Adauto (org). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

YANOMAMI, Davi Kopenawa; ALBERT, Bruce. *A queda do céu*. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

THEODORO, Helena. *O mito e espiritualidade. Mulheres negras*. Rio de Janeiro: Pallas, 1996.